

GÊNERO E RAÇA: A MULHER NEGRA E SEU ESPAÇO NA SOCIEDADE*

Andréia Rodrigues Fonseca (UFVJM)

Resumo: a desigualdade de gênero e raça está cada vez mais presente na sociedade atual, que apesar de ser formada por diversas raças e etnias, ainda é composta por pessoas preconceituosas que corroboram com a discriminação e a desigualdade existente entre homem e mulher, negros e brancos. Através de muitas lutas, as mulheres vêm cada dia mais, tentando ocupar um espaço de respeito na sociedade, buscando não apenas sua independência, mas também serem vistas, reconhecidas e tratadas com igualdade. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo fazer uma breve reflexão sobre o espaço da mulher na sociedade, em especial, da mulher negra. Pretende-se assim, levantar discussões, indagações e inquietações acerca das discriminações de gênero e raça que essas mulheres vêm enfrentando e das suas dificuldades para atingirem a igualdade de direitos que tanto buscam. Como embasamento teórico, foram usados os autores Bourdieu (2012), Hooks (2015), Schmidt (2014), Scott (1997), Silva (2020) e Silva (2013). Evidenciou-se que a discriminação de gênero e raça ainda é presente na atualidade, e que apesar da mulher negra continuar lutando por igualdade e seu espaço na sociedade, ela ainda não alcançou por completo seu objetivo.

Palavras-chave: mulher; espaço; gênero; raça; desigualdades.

1 Introdução

É fato que a escravidão no Brasil foi extinta há mais de um século, no entanto, o preconceito e a discriminação racial ainda se fazem presentes na sociedade. Falar sobre raça e gênero é o mesmo que falar de desigualdades, preconceito e lutas incansáveis por direitos, igualdade, respeito e voz ativa. Desde muitos anos que os negros vêm lutando pelo seu espaço na sociedade.

A sociedade atual é composta por grandes diversidades, étnicas, raciais e de gênero, porém, ainda existem pessoas preconceituosas e que se acham superiores às outras, não só pela questão da classe social, mas, principalmente, quando se trata da questão da cor da pele.

As mulheres negras são exemplo dessas lutas e busca por direitos iguais, uma vez que elas, além de sofrerem com a discriminação racial também sofrem com a de gênero, pois muitas vezes, são vistas como inferiores aos homens, que sempre ocuparam e continuam ocupando um lugar de poder e superioridade à mulher. A questão do patriarcalismo sempre esteve presente no seio familiar, onde o homem é denominado como o chefe de família e a mulher, a dona de casa, tendo como função, procriar, cuidar dos filhos e da casa, enquanto o homem trabalha fora para sustentar a família.

Com base nessas reflexões, a hipótese do presente trabalho é que as mulheres, em especial, as negras, não possuem um espaço de igualdade na sociedade, tendo em vista que elas têm sido alvo de preconceito e discriminação devido ao gênero e raça a que pertencem. A partir disso, surgiu a questão problema que norteará este trabalho: Como tem sido o espaço da mulher negra na sociedade?

Dessa forma, o presente trabalho busca fazer uma reflexão sobre como tem sido o

* XV Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online



espaço da mulher negra na sociedade, as discriminações de gênero e raça que elas vêm enfrentando e as suas dificuldades para atingirem a igualdade de direitos que tanto buscam.

O procedimento metodológico que norteou essa pesquisa foi leituras de alguns artigos que abordam sobre gênero, raça, desigualdade de gênero, o homem como ser dominante e uma tese de doutorado sobre a maternidade em uma comunidade quilombola, e a partir daí, foi analisado se a mulher, em especial, a mulher negra, tem ocupado um espaço de igualdade na sociedade ou se ela ainda é alvo da discriminação e do preconceito, buscando assim, reponder à questão problema deste trabalho e comprovar a hipótese apresentada.

Assim, este estudo se faz relevante para estimular reflexões a respeito das desigualdades de gênero e raça que ainda perpetuam na sociedade, contribuindo assim para possíveis conscientizações à cerca da importância da igualdade de direitos entre homem e mulher, negro(a) e branco(a.).

Ademais, justifica-se por compreender que as mulheres negras fazem parte da diversidade humana, sendo assim, faz-se necessário que elas sejam vistas, reconhecidas e tratadas de modo igual, não sendo privadas de ocuparem espaços de respeito e igualdade na sociedade.

2 Pressupostos teóricos

Quando o assunto é mulher, logo se ouve palavras de mau gosto, piadinhas e deboches, aquelas frases típicas de alguns homens machistas “mulher é sexo frágil”, “não vive sem nós”, “nasceu pra cuidar da casa e dos filhos”, frases que algumas mulheres ouvem e se calam, outras questionam, brigam ou simplesmente ignoram e comprovam para a sociedade de homens machistas que as mulheres são bem mais que isso, que elas podem ser o que quiserem, podem sonhar e realizar seus sonhos, que a luta pela igualdade de direitos é grande, mas vale a pena, a vitória é gratificante.

Na sociedade, existem certas hierarquias de poder, e essas hierarquias se iniciam da subdivisão entre homens e mulheres, como afirma Scott (1997) ao fazer uma breve definição de gênero:

Minha definição de gênero tem duas partes e várias sub-partes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser analiticamente distintas. O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elementoconstitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. (SCOTT, 1997, p. 21).

Assim, o gênero, além de ser responsável por fazer a distinção entre os sexos (homeme mulher), também estabelece as relações de poder. Relações essas, que vêm sendo impostas às mulheres há décadas, e que são presentes até os dias atuais.

De acordo com Pierre Bourdieu (2012), existem relações sociais de dominação e de exploração inseridas entre os gêneros, “que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino” (p. 41). Nessa oposição, o homem fica do lado mais confortável, público, seco, alto, oficial, descontínuo, realizando atos de bravura, já à mulher, esta, encontra-se do lado oposto, úmido, baixo, contínuo, são responsáveis por trabalhos escondidos, considerados vergonhosos e até mesmo humilhantes, como o trabalho doméstico. Bourdieu (2012) ainda

complementa afirmando que:

Pelo fato de o mundo limitado em que elas estão confinadas, o espaço do vilarejo, a casa, a linguagem, os utensílios, guardarem os mesmos apelos à ordem silenciosa, as mulheres não podem senão tornar-se o que elas são segundo a razão mítica, confirmando assim, e antes de mais nada a seus próprios olhos, que elas estão naturalmente destinadas ao baixo, ao torto, ao pequeno, ao mesquinho, ao fútil etc. Elas estão condenadas a dar, a todo instante, aparência de fundamento natural à identidade minoritária que lhes é socialmente designada: é a elas que cabe a tarefa longa, ingrata e minuciosa de catar, no chão mesmo, as azeitonas ou achas de madeira, que os homens, armados com a vara ou com o machado, deitaram por terra; são elas que, encarregadas das preocupações vulgares da gestão quotidiana da economia doméstica, parecem comprazer-se com as mesquinhas do cálculo, das contas e dos ganhos que o homem de honra deve ignorar. (BOURDIEU, 2012, p. 41-42).

Assim, enquanto o homem ocupa diversos espaços, livremente, as mulheres encontram-se em espaços limitados, sendo sujeitadas ao trabalho árduo, exaustivo, desvalorizado e inferior aos homens. Essas mulheres, que trabalham incansavelmente, estão ali para servirem e limparem as sujeiras deixadas pelo homem, indivíduo que “não pode, sem derrogação, rebaixar-se a realizar certas tarefas socialmente designadas como inferiores (entre outras razões porque está excluída a ideia de que ele possa realizá-las)” (BOURDIEU, 2012, p.75), tarefas que quando são executadas por homens deixam de ser inúteis e fúteis e passam a ser designadas como nobres e difíceis.

As mulheres têm lutado para possuírem direitos iguais aos homens, no entanto, a sociedade ainda é composta por homens machistas e que veem a mulher como sexo frágil que deve ficar em casa e cuidar dos filhos, como acontecia tempos atrás, negando a elas sua inclusão ao meio trabalhista e à sociedade de modo geral. Quando se é mulher e negra, a situação fica pior, pois existe uma hierarquia de poder onde essa mulher negra está na base da pirâmide, sendo inferior não só aos homens, mas às mulheres brancas também.

Essa hierarquia de gênero tem afetado a mulher em suas conquistas, que são maioria das vezes mais difíceis de serem alcançadas pelo simples fato de serem mulheres, onde o homem possui facilidades que fogem do alcance dessas mulheres, como no caso das mulheres que muitas vezes são obrigadas a abandonarem os estudos para se tornarem donas de casa, cuidar dos filhos enquanto o marido trabalha. Esse fator tem sido um dos mais marcantes na vida delas, pois é a partir daí que ao abandonarem a escola, são privadas do conhecimento e da sua autonomia financeiramente e intelectualmente.

Silva (2020), em sua tese de doutorado, mostra a realidade de vida de mulheres residentes em uma comunidade quilombola, mostrando as conquistas e lutas dessas mulheres pelo acesso às políticas públicas, onde ela destaca:

[...] o acesso à escolarização que fora negado a grande parte dessas mulheres –; as barreiras impostas pelo racismo em suas trajetórias; a presença do trabalho doméstico na vida das mulheres – desde a infância –; o aprendizado e a transmissão de saberes relacionados às práticas dos territórios; o incentivo de suas mães no processo de escolarização e uma composição familiar com destaque para o cuidado materno. (SILVA, 2020, p. 38).

Essa é a realidade não só das mulheres residentes em comunidades quilombolas, mas de muitas outras mulheres, que tiveram o acesso à educação negado, trabalharam desde

criança em serviços exaustivos e muitas vezes sem uma remuneração justa, e muitas, acabaram se tornando mães ainda jovens, ou tinham que cuidar dos irmãos mais novos, tendo que aprender assim, os cuidados maternos. Essas mulheres mães acreditam que o estudo é a forma mais eficiente de mudar a realidade de suas filhas, para que elas tenham uma vida diferente da que tiveram, faz-se necessário que se dediquem aos estudos, para que assim, não sejam mais uma a trabalhar como doméstica na casa dos outros, algo que é bem recorrente na vida das mulheres sem estudo.

Muitas mulheres, além dos trabalhos domésticos, realizados em casa, também fazem outros trabalhos por fora, para contribuir com a renda familiar, o que reforça a grande desigualdade de gênero existente entre homem e mulher, pois não existe contribuição do homem nos afazeres domésticos, essa tarefa é de responsabilidade exclusiva da mulher, mesmo ela ajudando financeiramente em casa. Assim, a mulher, começa aos poucos, a buscar sua independência financeira. A respeito dessa busca da mulher por emprego para ajudar financeiramente em casa, Silva (2020) afirma que as desigualdades de gênero têm sido um grande desafio para as famílias negras, tendo em vista que “em muitas famílias negras, as mulheres são as principais responsáveis pelo orçamento familiar” (SILVA, 2020, p. 28), o que tem refletido significativamente na vulnerabilidade financeira dessas famílias negras.

As oportunidades ofertadas às mulheres negras são precárias, tanto em relação ao acesso à educação, quanto a empregos na sociedade, que em sua maioria são aqueles considerados inferiores, de menor prestígio. De acordo com Silva (2013)

As discriminações de raça e gênero produzem efeitos imbricados, ainda que diversos, promovendo experiências distintas na condição de classe e, no caso, na vivência da pobreza, a influenciar seus preditores e, conseqüentemente, suas estratégias de superação. Neste sentido, são as mulheres negras que vivenciam estas duas experiências, aquelas sempre identificadas como ocupantes permanentes da base da hierarquia social. (SILVA, 2013, p.109).

Assim, a luta das mulheres negras é ainda maior, enfrentando as discriminações de gênero e raça, algo que tem sido grande empecilho em sua vida profissional. Algumas mulheres negras, apesar de terem se dedicado aos estudos e possuírem uma boa qualificação profissional, acabam por não serem respeitadas e reconhecidas em cargos de chefia, ou de alta importância, pelo simples fato de serem mulheres e negras, acabam sendo substituídas por homens brancos, que muitas vezes possuem até menos conhecimento e são menos qualificados do que elas.

Na literatura, não é muito diferente, antigamente, as mulheres não podiam nem escrever, e quando produziam algum livro, usavam pseudônimos para assim, conseguirem atingir o público de leitor masculino, pois quando assinavam com seus próprios nomes, eram lidas apenas por mulheres, pois suas obras eram consideradas como sendo femininas, não tinham importância para os homens. Hoje em dia, existem várias escritoras femininas, tanto mulheres brancas quanto algumas negras, porém, ambas continuam sendo pouco utilizadas nas leituras literárias nas escolas, o reconhecimento das escritoras mulheres ainda é precário, quanto mais das escritoras negras. Sobre isso, Schmidt afirma que:

No campo das Letras, as histórias da literatura foram territorializadas pelo sujeito masculino com a institucionalização e valorização da função autoral – a paternidade do texto - que sustentou a autoridade literária a partir do século

XVII, autoridade essa que exerceu um poder regulador na produção, recepção e legitimação de obras literárias. (SCHMIDT, 2014, p. 6).

O homem branco continua ocupando o topo na hierarquia da pirâmide, desde os cargos de chefia até na autoria das obras literárias que têm sido publicadas e consideradas como cânones da literatura. O poder continua nas mãos dos homens, mesmo com tantas mulheres eficientes e qualificadas na sociedade.

Bell Hooks é uma mulher negra, teórica feminista, crítica cultural, artista e escritora, os temas raça e gênero estão presentes em seus trabalhos, ela, apesar de ter se dedicado aos estudos, ter adquirido conhecimento e sabedoria, é um exemplo de luta e resistência contra as opressões sofridas por ser mulher e negra. Hooks comenta em um de seus trabalhos, a experiência que teve ao se matricular em uma disciplina de pós-graduação feminista, ela faz a seguinte afirmação:

Em 1981, matriculei-me em uma disciplina de pós-graduação sobre teoria feminista, onde nos foi dada uma lista de leituras que continha textos de mulheres brancas e homens brancos e de um homem negro, mas nenhum material de mulheres negras, índias, hispânicas ou asiáticas. Quando critiquei esse descuido, as mulheres brancas se dirigiram a mim com uma raiva e uma hostilidade tão intensas que eu tive dificuldade de continuar a frequentar as aulas. (HOOKS, 2015, p. 205).

Essa experiência vivenciada por Hooks mostra como a discriminação de raça ainda se faz presente na sala de aula, ela estava em um curso de pós-graduação, cursando uma disciplina sobre teoria feminista, não era para existir uma inclusão de raças ali? No entanto, o que ela presencia naquela aula é a exclusão das obras literárias escritas por mulheres de sua raça. A autora, sendo negra, ainda questiona o porquê de não se ter obras escritas por mulheres negras, índias, hispânicas ou asiáticas na lista de leituras obrigatórias do curso, e acaba obtendo como resposta muita hostilidade e raiva das suas colegas brancas do curso.

Perseverança, luta, paciência e determinação fazem parte da vida das mulheres, e Raquel, mulher quilombola, comprova isso no seguinte depoimento:

O percurso até aqui foi longo, os desafios foram muitos. O tempo foi mais extenso do que o esperado, mas eu não desisti. Hoje estou lisonjeada por representar a minha comunidade, primeira quilombola da Fazenda Santa Cruz com ensino superior numa Universidade Pública. De certa forma acredito que consegui influenciar minha irmã, primos e amigos a também ingressar na educação. Que eles também sejam influências para outros... (trecho retirado da tese da Paula Silva, 2020, p. 61).

Raquel, mulher, moradora de uma comunidade quilombola, onde a escolarização era precária, conviveu com muitas outras mulheres que não tiveram a oportunidade de estudar, agora, com muita luta e perseverança, Raquel, leva para casa, e para sua comunidade, não só um diploma de um ensino superior, mas a esperança de que a luta pode ser árdua, mas a vitória, um dia chega.

3 Conclusão

É evidente que ainda existe uma grande discriminação de gênero e raça na nossa sociedade, e as mulheres têm sido muito prejudicadas com essa discriminação,

principalmente a mulher negra, que sofre duas vezes, por ser mulher e negra. A mulher tem lutado frequentemente para conseguir ocupar seu espaço na sociedade sem distinção de gênero, vem buscando cada dia mais ter igualdade de direitos e ser vista como uma pessoa capaz e eficiente para assumir qualquer cargo, no entanto, ainda não conseguiram ocupar um espaço de respeito e igualdade na sociedade.

O racismo e o preconceito são coisas que infelizmente, continuarão presentes em nossa sociedade, pois enquanto existirem pessoas que se consideram superiores a outras pelo simples fato de pertencerem a uma classe social alta ou por serem de cor branca, as injustiças ainda irão pairar em nosso meio, o que resta, é não desistir e não ter medo de lutar com todas as forças para ter uma vida digna, com respeito e igualdade.

A luta por igualdade de direitos e espaço na sociedade, ainda é algo que fará parte da realidade das mulheres, principalmente, da mulher negra, que terá que lutar não só pela discriminação de gênero, mas também de raça, porém, faz-se necessário que essas mulheres não desistam, pois aos poucos elas irão conseguindo seu espaço de igualdade na sociedade.

Eu sou negra e faço parte dessa luta constante por igualdade de direitos e oportunidades, acredito que nós, somos guerreiras e devemos continuar com nossa luta, para sermos exemplo para a nova geração.

Assim, nos espelhamos na história de Raquel, e de outras “Raquéis” que lutaram e enfrentaram diversos obstáculos em suas árduas jornadas, mas que não desistiram e alcançaram o objetivo final, mostraram e continuam mostrando e comprovando para todas as mulheres negras da sociedade que o lugar delas/nosso, não é apenas na cozinha, ou limpando a casa, ou cuidando dos filhos, mas sim, onde elas/nós quiser(mos).

Referências

BOURDIEU, Pierre; A dominação masculina; Tradução Maria Helena Kühner. - 11° ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 160p.

HOOKS, Bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**; Revista Brasileira de Ciência Política, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210. Disponível em: [SciELO - Brasil - Mulheres negras: moldando a teoria feminista](#) **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. Acesso em 24 de Jun. 2021.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **História da literatura tem gênero?** - Anotações sobre o tempo (in) acabado de um projeto. 2014. Disponível em:

<https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks//Web/x-sihl/media/mesa-7.pdf>. Acesso em 20 de Jun. 2021.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica; 1997.

SILVA, Paula Cristina, 1986- Aqui é tudo uma família só [manuscrito]: maternidade e práticas culturais de um grupo de mulheres em uma comunidade quilombola no Alto Jequitinhonha /Paula Cristina Silva. - Belo Horizonte, 2020. 130 f. : enc, il. Disponível em:

https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/33840/1/TESE_Paula_Vers%c3%a3o%20final-3.pdf. Acesso em 14 de Jun. 2021.

SILVA, Tatiana Dias. **Mulheres Negras, Pobreza e Desigualdades de Renda**. In: MARCONDES, Mariana Mazzini. et al. Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea, 2013. Cap. IV. p. 109-132.

